



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 11 de Agosto de 1979 * Ano XXXVI — N.º 924 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



A sombra da Cruz, eles reúnem-se em Família.

Aqui, Lisboa!

«Quanto mais humanamente tratarmos as crianças, maior número de mãos se levantam para o Céu.»
(Pai Américo)

Amiúde dão conta os jornais dos crimes mais hediondos praticados em relação a crianças, causadores de repulsa e de indignação, mas pouca gente se apercebe ou sensibiliza ante aquilo que se passa todos os dias a seu lado. Diríamos que, habituados como estamos às coisas, as tomamos como naturais ou já nelas não reparamos, tão apressadamente levamos o dia-a-dia da existência. A falta adequada de estatísticas, neste como noutros aspectos, é lacuna para lastimar.

Perturbamo-nos facilmente ao tomarmos conhecimento de ter sido baleada uma criança de onze anos, pelas três horas da madrugada, num determinado lugar da Capital. Continuamos calmamente a nossa vida, porém, apesar de sabermos que a prostituição juvenil é um facto corrente nos nossos dias. Desde que o problema não nos toque pela porta será sempre coisa de pouca monta.

Pelas ruas da cidade multiplicam-se os expostos, com cartazes ou sem eles; por todos os lados, crianças andrajosas e descalças, cheias de fome e sem escolaridade, nos assaltam pedindo esmola, mas quase ninguém se perturba com o facto, por tão corrente ser. As Autoridades não têm mãos a medir e os Políticos, em geral, vão gastando o seu tempo em verborreias sem sentido,

ao sabor dos seus interesses pessoais e partidários, tantas vezes mesquinhos, procurando antes salvaguardar com afincos os seus tachos, que os problemas reais do Povo parecem não lhes dizer respeito.

Lemos outro dia que, na Grã-Bretanha, mais de 15.200 crianças, num total superior a 40.000, foram brutalmente agredidas e maltratadas, de Outubro de 1977 a Setembro de 1978. Bébés de 4 meses com costelas partidas e os dois braços fracturados; uma menina de três anos numa dolorosa agonia depois de ter sido mergulhada num banho de água a escalear; um rapaz de oito anos com o corpo todo marcado de queimaduras de cigarro; e um outro de 11 anos que foi chicoteado pelo próprio pai; além de outras

CONT. NA 4.ª PAG.

Uma Data: 28 de Julho de 1929

É absolutamente justa e válida a memória festiva de um acontecimento fecundo. Porém, relativamente aos que o celebram, um dia de comemoração vale na medida em que os dias intermédios são marcados pela compreensão e pelo apreço da realidade acontecida naquele dia-origem que fixou uma data. Compreensão e apreço que não absorvem constantemente a nossa atenção; cujo crescimento se não nota dia-a-dia; mas que se explicitam em dias privilegiados e desabrocham em festa.

Queria que fosse assim, centrada em nossas inteligências e em nossos corações, a festa de hoje — uma festa para nós, uma festa que fomenta em cada um de nós a edificação do homem à imagem do Homem Perfeito, Cristo Jesus, objectivo por que Pai Américo consumiu a sua vida. Tal será darmos razão de ser ao que ele foi; será cantarmos autenticamente a sua glória no tempo, que na glória eterna já ele está fixado — assim o cremos — e nada lhe podemos acrescentar.

Habitua-dos a recordar Pai Américo na contemplação da sua personalidade multifmoda e riquíssima, que abundou em frutos socialmente preciosos como é facto patente, podemos correr o risco de o mitificar, de o julgar um super-homem, o que seria um erro de compreensão, um obstáculo a apreciá-lo como é justo. Ele foi simplesmente um homem que Deus escolheu e de quem fez dom Seu para os homens. Dele próprio, permaneceram as suas limitações, os seus defeitos... e a sua fidelidade incondicional à eleição divina, que já

é Graça. Sobre esta virtude prosseguiu a Graça a Sua obra e o transfigurou e lhe conferiu a eficácia que explica tamanha fecundidade em 27 anos apenas, o tempo que Deus lhe deu para viver no mundo o seu sacerdócio. Deixemos hoje, pois, em segundo plano, o nome de Pai que costumamos dar-lhe, para diligenciarmos entender melhor a essência profunda de que deriva a sua paternidade: o sacerdócio. Padre foi, a partir daquele 28 de Julho, o seu primeiro nome, o seu nome próprio. Jamais ele o enjeitou. Jamais deixou de o antepor ao Américo que lhe deram no Baptismo — gesto de quem crê e afirma que o Sacramento da Ordem gera um novo ser, uma nova espécie de ser que não pode ficar anónima.

O sacerdote é um mediano entre Deus e os homens. É por ele e com ele que Deus estabelece Aliança com o Seu Povo, em favor de Seu Povo. A leitura do Livro do Êxodo que há pouco fizemos, apresenta-nos Moisés nesta missão de «comunicar ao povo todas as palavras do Senhor e todas as Suas decisões». O povo aceita e promete pô-las em prática. E Moisés prepara a ratificação da Aliança: um altar sobre que serão «imolados novilhos ao Senhor, como sacrifícios de paz». Depois, «tomou o sangue, aspergiu com ele o povo e disse-lhe: Este é o sangue da Aliança que o Senhor concluiu connosco».

Toda a aliança é selada. De sangue é a chancela da Aliança entre Deus e os homens. Na Velha Aliança ia-se buscá-lo aos novilhos sacrificados. Na Nova e definitiva

Aliança que Cristo veio inaugurar, o Sacerdote e a Víctima identificam-se. Trata-se, pois, de um Novo Sacerdócio de que Jesus é o Único Detentor por direito próprio e do qual participam os chamados. Como «o discípulo não é mais do que o Mestre», também ao sacerdote de Cristo pertence oferecer e sacrificar-se. É com o seu sangue que ele selará a Aliança que foi chamada a actualizar. Ou não será mediano de aliança nenhuma!

Pai Américo assim entendeu e a tanto se dispôs: «Não posso dizer que tenha seu sangue, mas sei o gosto do martírio». Eis a fonte donde promana o manancial de bens de que todos fruimos. A Obra da Rua é um caso notável de aliança de Deus com os homens. Estabelecida porque o Senhor a quis, não porque Pai Américo a planeasse, a carência de valores humanos, a pobreza de bens mundanos sobre que se fundou e fundá, titula-nos para a invocação do compromisso de Deus connosco. Se nós formos fiéis «a todas as Suas palavras, a todas as Suas decisões», não será Ele o infiel. Mas a nossa fidelidade pertence à ordem da Graça. A resposta do Senhor é explosão da Sua Graça. A condição é esta, como disse o nosso Bispo, na Missa do 30.º dia de Pai Américo: «... A verdadeira Caridade nunca poderá deixar de estar em união com o sacerdócio, íntima e profundamente impregnada de espírito sacerdotal.(...) É esta a ordem, a hierarquia essencial: Deus é Caridade, o sacerdócio é a

Cont. na 4.ª pág.

O nosso Jornal

Como já esclarecemos na penúltima edição, a partir de hoje O GAIATO sai com o preço de 5\$00.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Ela estava banhada em lágrimas. Há situações de angústia difíceis de conter.

Ouvimos tudo, tudo. Confortámos. Aliviámos a dor, as necessidades. É nossa missão.

O homem dela está mal. «Precisa de tantos remédios» — disse — que a percentagem da Previdência «vai por aí fora»; e justifica: «são remédios estrangeiros...»

Lemos na Imprensa que os nacionais vão subir. Um círculo vicioso que nunca mais tem fim! E os maiores sacrificados são os Pobres.

Hoje, mais do que nunca, há-os polidos — como no caso vertente — pela classe a que pertencem. Não entendem a mão como o Mendigo tradicional. Esta pobreza envergonhada morre lentamente entre as quatro paredes da casa...

São problemas dolorosos que nos obrigam a uma discreção invulgar. São casos de que ninguém acreditaria. E até serviriam de acusação a nós outros, os que lhes damos a mão...! Santa culpa que seria mais um crédito no Livro da Vida.

PARTILHA — De Naugatuck, USA, 200\$00. Uma grande amiga de S. Mamede de Infesta, 180\$00. O costume de «velha Amiga» lisboeta. Presença anónima da Nazaré. Outra vez Lisboa, Rua da Lapa, com uma invocação: «Que Deus os ajude a praticar o Bem». 700\$00 da Covilhã e «um abraço de amizade», Retribuímos. «Migalhinhas de Junho e Julho» da assinante 11162, Porto. Dos lados de Viana do Castelo uma carta com 500\$00. Ouçamos:

«Embora sem a regularidade que desejava, aqui estou a juntar uma migalha para os Pobres protegidos pela Conferência.

Desejaria reforçar a oferta, mas não sou rico (nem de saúde!) e minha mulher, para ajudar o orçamento, anda vários dias na semana de sachola em punho, ao sol ardente. Mas tive-nos uma ajuda e como Acção de Graças resolvemos ajudar, também, algum nosso irmão mais carecido.

Gostaria de saber se receberam, mas que a esquerda não saiba o que a direita deu...

Felicidades e o pedido das vossas orações para me ser possível educar cristãmente os meus filhos.»

De Pobres para Pobres!

Um vale de correio de Coimbra «que se destina a uns velhinhos da Conferência», pedindo «uma oração por alma de Helena e João».

No Espelho da Moda 1.000\$00 do assinante 13519, pelos meses de Julho e Agosto. E mais 100\$00 num sobresscrito.

Os Amigos de D. António Barroso comparecem com 50\$00, sempre muito certinhos! Mais 100\$00 de Laura. Mais a presença amiga da assinante 19177. Mais 2.500\$00 da «Assinante do Seixal», parte do seu vencimento mensal. Rua Saragoça, Coimbra, 500\$00. E um cheque de Vicentino lisboeta, sempre muito oportuno:

«(...) Agastado por nada fazer, ocorreu-me, lendo a vossa narrativa, no último número de O GAIATO (sempre ele a dar-me o «empurrão»), que nem sempre são os casos nefastos que fazem apelo à caridade cristã; também os acontecimentos fastos são, tantas vezes, a mola real que abre as portas da generosidade cristã. Foi o caso do publicano Zaquie, de que fala o Evangelho, que impelido pela alegria insuperável e incontida de ter o Divino Mestre como hóspede, declarou em voz alta que ia repartir com os Pobres metade da sua avultada fortuna.

Ora, doutras vezes eu tenho sido movido por casos pungentes; desta vez comoveu-me a história daquela «Madalena arrependida» que, depois de muito passar, já tem morada: «Agora estou no Céu», exclama ela.

Esta felicidade da boa mulher faz-me lembrar o número imenso daqueles que, almejando terem também o «seu» céu não o conseguem apesar de nunca se ter falado tanto em «habitação social».

Agradeço uma oração por minhas filhas e em sufrágio da alma de minha irmã.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTA — Na passagem de mais um aniversário da morte de Pai Américo e das suas «Bodas de Ouro» sacerdotais, a alegria foi o acento tónico cá em Casa.

Na Missa, do dia 28 de Julho, o nosso P.e Carlos lembrou Pai Américo como ele sempre foi e não como um mito.

Enquanto decorria a homilia, os mais pequenitos souberam portar-se bem, não fizeram barulho. Parabéns! Logo após o pequeno-almoço fomos de camioneta para a Senhora do Salto onde passámos o dia.

Alguns dos nossos atletas decidiram fazer o percurso a pé. Realmente a distância é grande! Pelo caminho encontramos o «Salsichas» perdido do restante grupo, pois não aguentou o passo apressado dos companheiros.

A chegada ao local foi inaugurada com uma rica banhoca no rio.

Conosco foram alguns dos nossos casados e outros amigos, mais o sr. P.e Abraão que nesse dia esteve presente.

O momento mais esperado foi o da feijoada, que estava ótima. Foi comer e chorar por mais!

Após o almoço, cada um foi «espernear» por onde lhe apeteceu. Muitos foram longe. Subiram tão alto as fragas que tiveram de ser reprendidos, não fossem cair. Outros jogavam cartas, ouviam música e dormiam.

Eu, o «Faneca» e o «Duque» como estávamos de serviço à cozinha, regressámos mais cedo para termos tempo de lavar a louça para o jantar.

Correu tudo bem, sem problemas. Reinou a boa disposição.

PRAIAS — Todos os anos, antes de principiarem os turnos de praia, a nossa casa tem de sofrer a intervenção dos nossos trolhas (que agora an-

dam muito atarefados com o arranjo da Casa 3, da nossa Capela, que está a ficar velhinha, etc... etc).

São portas arrombadas por alguém que faz uso da casa durante o Inverno, vidros partidos, lâmpadas desaparecidas, etc.

Raramente encontramos o respeito pelo que é de outrem. Nem a nossa casa passa despercebida aos intrusos! Para quê? Por quem?

São perguntas às quais gostaríamos de responder mas, infelizmente, não é possível.

Muito perto de nossa casa vive uma senhora, já de idade, que vai fazendo o que pode. Logo que se apercebe de qualquer coisa fora do normal telefona a prevenir. Obrigado!

É triste que haja quem não saiba respeitar o que é dos outros!

Entretanto o 2.º turno já se encontra na praia a desoansar, após um ano de trabalho e estudo.

A chegada dos mais pequenitos foi aguardada com bastante expectativa pois já se sentia um vazio na nossa Comunidade.

O nosso P.e Abel foi gozar merecidas férias e cremos que as passou bem pelo aspecto mais agradável que trouxe. O P.e Moura seguiu agora e desejamos boas férias, também.

Quanto à crónica de «Azurara», do primeiro turno ainda ninguém se pronunciou, mas o segundo terá de fazê-lo uma vez que são já mais velhos e sabem escrever bem.

Ficamos à vossa espera. Boas férias!

PLACARD — Apareceu, há pouco tempo, no nosso placard, um tema muito interessante sobre o qual vários Rapazes se pronunciaram. As colaborações são tantas que o placard não chega para todos!

Torna-se urgente a criação de um jornal de parede a fim de todos poderem dar a sua colaboração e de ganharem mais uns conhecimentos.

Algumas colaborações são críticas a alguns Rapazes e os criticados acabam por criticar os autores e assim se faz um jornal de parede.

Espero é que todos dêem a sua colaboração, não só para o jornal de parede, como também para a «Voz dos Novos», que brevemente tencionamos pôr na rua.

«Marcelino»

MIRANDA DO CORVO

Olá amigos! Aí vai um pequeno resumo da vida cá em nossa Casa de Miranda do Corvo.

PISCINA — Como era de esperar, em plena época balnear, a nossa piscina já foi lavada e nós podemos apreciar umas boas banhocas.

DOMINGO REPLETO — No passado dia 25, cá em Casa, reinou um ambiente festivo e alegre, pois visitou-nos um grupo da região de Sintra.

Embora tenham chegado um pouco atrasados ainda houve tempo para um desafio de futebol. Decorria o desafio, quando aparece uma grande caravana de carros; eram os Bombeiros de Miranda do Corvo, acompa-

nhados do Secretário de Estado da Administração Interna e do Governador Civil de Coimbra e outras autoridades. Mesmo assim o jogo não parou. Depois do almoço, um pouco melhorado, os nossos «Batatinhas» representaram alguns números das nossas Festas de que, ao que parece, eles gostaram.

Ao fim da tarde fomos todos para o Salão dos Bombeiros, associarmos aos festejos de inauguração do quartel, oferecendo-lhes a receita da nossa Festa.

AGRICULTURA — Na lavoura temos andado um bocado preocupados. Este ano, reinam o escaravELHO e o piolho. Alguns rapazes passam o dia a sulfatar, mas mesmo assim temos que estar atentos.

PEIXE — É um dos alimentos que, agora, cá em Casa, é absorvido em grande quantidade.

Donde vem? É um amigo da praia da Nazaré, dono de um grande armazém, que no-lo dá. É pescada, peixe espada, salmão, lulas, etc.

Curve-se dizer por vezes que «o peixe havia de ser sempre frito», mas como imaginai, não pode ser pois o óleo está caro. Mas, para compensar, os nossos cozinheiros fazem-no grelhado, cozido e frito, está claro. Alguns por vezes comem 4 e 5 postas!

FÉRIAS — Embora ainda haja exames, já cheira a férias!

Alguns vieram do Lar de Coimbra e estarão com outros em nossa casa da praia de Mira quando a notícia chegar às vossas mãos.

Joãozinho

LAVOURA — Como o tempo de Verão permitiu, demos já início ao primeiro arranque da nossa batata.

Por não termos já batatas suficientes para os gastos alimentares começámos pela colheita das que foram semeadas mais cedo; depois, foi a vez das dos leirões da vinha.

No primeiro dia arrancámos trezentas e tal arrobas; no segundo arrancámos muito poucas porque a terra é direita, acumula a água durante muito tempo...

A terra da vinha é inclinada, por isso a razão da sua maior produção.

Aproveitando a frescura da manhã, nós os mais velhinhos, lá fomos de enxada ao ombro.

O primeiro a espetar a enxada trouxe logo uma batata cortada. O «Chola» cortava e mostrava as batatas!

— Olhai! — dizia ele para os outros — esta é bem grande.

A apanha da batata competiu aos mais pequenos que, andando de dois em dois, levavam consigo um caixote, outros um cesto que, depois de cheio, colocavam no reboque do tractor.

O transporte ficou a cargo do Abílio, o nosso tractorista. Os caixotes depois de transportados foram descarregados e despejados nos estrados onde a batata se guardará durante o ano, tanto a de semente como a de consumo.

Ao cair da tarde regressámos fatigados, mas conscientes de que realizámos a tarefa em nosso proveito. A colheita tem sido, até agora, idêntica à de outros anos. Como ainda falta o segundo arranque esperamos que seja melhorzinho. Foram semeadas

mais tarde, e, como é evidente, ficarão ao cuidado dos mais velhos.

Afonso

Praia de Mira

Alguns dos nossos estão a gozar as suas merecidas férias à beira-mar.

Todos nós gostamos de estar na praia, pois no fim de mais um ano de trabalho sabe sempre bem descansar um pouco, para que possamos ajudar melhor, com o fruto do nosso esforço, aqueles que mais precisam.

O tempo tem estado ótimo, à excepção de alguns dias em que trovejou e choveu um pouco.

Quase todos os dias logo de manhã somos acordados com o som dos foguetes, lançados pelos pescadores, anunciando mais um dia de pesca.

Como nos outros anos, neste também os nossos agarram nas sacas de plástico e vão às redes apanhar o peixe que os pescadores nos cedem com todo o gosto.

É um encanto ver alguns dos nossos mais pequeninos a tomarem banho; atiram-se às ondas como quem se atira a qualquer guloseima, mas também lá se encontra um ou outro que parece ter medo da água.

— Anda Abílio, já é tempo de acordares; e tu, Eurico, pára lá com essa sorna, olha que assim não cresces.

Estes mais velhinhos passam o dia deitados na areia como se fossem cobras a assolar.

Perguntei ao Chana, que tem apenas 3 anos, se queria ir-se embora. Veio logo a resposta que já esperava: — Não.

Durante algum tempo tivemos a companhia de um grupo de jovens alemães que, por várias vezes, vieram passar alguns momentos de festa conosco.

Também celebrámos a Eucaristia com eles, em que alguns cânticos e orações foram alemães e outros portugueses. O cântico de Glória, Glória, Aleluia foi cantado com muita alegria por todos. Vimos as suas caras sorridentes. Gostaram muito da nossa casa e sobretudo das nossas salas e parque de entrada e nós também gostámos muito do seu convívio e das suas lembranças. Para o ano cá os esperamos.

Termino com um abraço para todos vós.

Joãozinho

Lar de Coimbra

FÉRIAS — Os grupos, cujos elementos constituintes somos nós — os gaiatos — sucedem-se quinzenalmente na sua estadia à beira-mar. Assim, enquanto alguns descansam, outros mais cuidam para que a generosidade dos campos férteis produza. A vida na Casa-mãe não pára!

Evidencia-se nesta altura do ano aquele período tão caracterizado de



boca em boca e preferido reciprocamente: «Boas férias!». Refiro-me certamente às férias grandes, férias que são grandes qualitativamente para quem bem as aproveita no curto espaço de tempo decorrido em quinze ótimos dias, porque, findos estes, urge procurar os demais que completam a vida; férias que também não deixam de ser enormes quantitativamente para quem o momento presente é continuação da fruição do momento imediatamente anterior: são os de férias permanentes.

ESTUDANTES — Está concluído mais um período lectivo e o movimento migratório da massa estudantil é notável, quer a caminho do campo quer em direcção às praias. É longa esta distância que nos separa do próximo ano. Enquanto este se vai aproximando vamos usufruindo do que colhemos no anterior, preparando-nos e amadurecendo-nos num presente que é futurização.

Assim, continuarão no ano seguinte ao que frequentaram o Toninho, o Manuel, o João Paulo, o Avelino e o Mário que passaram do 1.º ano do Ciclo Preparatório; o Adelino e o Dias aprovados no exame do 2.º ano do mesmo ciclo; o Carlitos e o Guido andaram e aproveitaram o 7.º ano de escolaridade; o Chiquito-Zé o 8.º; o Afonso o 9.º; o João Manuel e o Calmeiro o 10.º; eu o Ano Propedéutico cujos resultados espero para tratar da matrícula na Faculdade de Direito; e o Lita vai vencendo os exames do 4.º Ano de Electrotécnica.

Até agora ainda não informei o (a) leitor(a) quanto a reprovações.

O período lectivo, vivido em sucessivas vitórias e fracassos pelo aluno, é finalmente sintetizado pelo professor. Foram pois considerados inaptos para frequentar o ano seguinte: o Virgílio e o «Lacinho» e também o Paulito nos 1.º e 2.º anos do Ciclo Preparatório.

Somos fman das atenções de muitos professores amigos, que como amigos só querem o nosso bem.

Generosamente também, este ano, na Cooperativa de Ensino de Coimbra encontramos portas abertas e braços estendidos de quem sabe o que somos e do que precisamos.

Foi um ano de luta, difícil mas apesar de tudo feliz. Não construímos com o mal que está feito mas edificamos com o bem que se cultiva, com o bem que é procura incessante. Bem procurado que encontramos a cada instante. Do bem de cada um depende o bem de todos.

Benjamim



Tojal

FESTAS — Depois de passado todo o reboliço das Festas e enquanto outro toma conta dos Rapazes na Praia, volto ao vosso convívio através desta coluna.

Não vou fazer um referência exaustiva a este assunto pois já foi falado aqui e tudo o que se possa acrescentar é sempre insuficiente para explicar ou tentar perceber o espírito que envolve cada encontro nosso.

Quero deixar aqui expresso o nosso agradecimento, e nunca é tarde para o fazer, a todos aqueles que nos acolheram de forma familiar bem como a quem acompanhou a «companhia». Foi um trabalho de equipa que resultou em pleno e cujos frutos se repartem entre espectadores e «artistas».

Estivemos este ano em mais locais do que é costume. Mas foi sem dúvida no Linho que o impacto foi maior. Tratou-se de um frente-a-frente doloroso para alguns. Jamais poderei esquecer o contributo do Luís Miguel no resultado atingido. A sua presença simples e encantadora penetrou os corações daqueles que de antemão julgámos de difícil penetração, senão mesmo impossível.

Vimos um panorama doloroso... Uma multidão de Jovens retida entre as grades duma prisão. Privados do convívio natural do dia-a-dia! Como já foi dito neste jornal, expiam ali as suas culpas e não só. E quando se fala de culpas, lembra-me aquele argumento evasivo de atribuir à sociedade a culpa de tudo. Porém isso não me convence. Porque a sociedade é abstracta. Tem a culpa por tudo e não responde a nada. É toda a gente e ninguém!

Quanto a mim a culpa está individualizada em cada um de nós, em todos. Por isso, a solução depende igualmente de todos. Eu confesso que, neste e noutros campos, perdi a esperança em instituições e autoridades. Concluí que é um esperar em vão. Está tudo minado da luta pelas cores e pela imposição de estandartes.

É imperioso caminhar lutando por melhorar o panorama humano deste nosso País. E no caso dos presos, sem nunca deixar de os considerar como

Imagens da Festa no Monumental.

Mas que bem o Luís Miguel, de 4 anos, com a batuta da «Orquestra do Mestre Pinquim»!

seres humanos que são, muito embora o contacto diário com a Imprensa, tanto escrita como falada, nos leve, por vezes, a ter mais viva repulsa por alguns. Estou a lembrar-me, por exemplo, dos casos aberrantes de rapto, violação e homicídio de menores.

TROPAS — Há já algum tempo que não temos representantes desta Casa incorporados, em qualquer ramo das Forças Armadas.

Quem escreve estas linhas também não «enfileirou», apesar de haver ficado apto. Dizem algumas «más línguas» que foi por causa de ser um grande lateiro! Na inspecção anterior ficaram todos livres, incluindo os máis «fraquinhos» de cinturas «delgadinhãs». Porém, desta vez, nem um escapou. Alguns ofereceram-se para a Força Aérea. Mas, passados que foram os testes preliminares, só um conseguiu ficar apto e tem neste momento algumas esperanças de alcançar as alturas.

Entretanto já alguém aqui lembrou ao candidato que «depois tens mais tempo para escrever para O GAIATO. Levas sempre um bloco e esferográfica contigo e quando vieres a descer no paraquedas escreves. Aliás, estás numa boa posição. Vês os assuntos de cima para baixo. Convém que ponhas um bocadinho de poesia e de lirismo na descrição da paisagem para amenizar as realidades preocupantes dos assuntos sérios».

Aqui fica a sugestão e os votos de que todos quantos, desta e doutras Casas, venham a ingressar no serviço militar, tenham os maiores êxitos.

Jorge

Recordações do passado

O título tem muito que se lhe diga.

Escrevo, pela segunda vez, para o nosso jornal O GAIATO. A primeira foi há dois anos: «Retalhos de vida».

Presentemente, como é do conhecimento de muitos, já não vivo na Obra do nosso querido Pai Américo, embora pelo coração e pelo pensamento esteja sempre ligado a ela por laços inseparáveis.



TRIBUNA DE COIMBRA

Repartiu. Abriu as mãos e deu-as aos irmãos. Tantas vezes que, ao longo de todos estes anos, nos estendeu a mão e nos ajudou a pôr a mesa! No funeral acompanhámo-la e, na Igreja, no lugar que também oferecera para a construção, recomendámo-la ao Senhor e pedimos para ela o lugar do Repouso e da Paz.

Repartiu. Tinha para reparar, mas podia não ter feito. Há tantos que parecem sentir-se bem no amontoado! Felizes os que abrem as mãos e acodem aos que estão em aflições.

Vamos alegrar-nos e louvar o Pai do Céu por aqueles que repartem o pão: «por uma graça recebida»; quinhentos em cheque e cem em vale; cotas mensais entregues aos pequenos vendedores; quinhentos de sacerdote de terra vizinha; Castelo Branco com promessas, com Missas, com cartas e com cheques. A Maria Teresa da Casa do Castelo toda se ri quando me vê e diz «hoje tem sorte, olhe para isto» e entrega-me os envelopes.

Jovem que foi ao Lar levar mil e roupas; duzentos e roupas de Casais do Campo; duzentos de Fiais da Beira; mil em cheque do Avelar; cheque de casal francês que viveu anos em Portugal e nos levou no coração; 150\$00 da Avó; os vales men-

sais pelos pais Helena e João; dois mil em cheque da Covilhã; cheque de Unhais da Serra; promessas duma doente; os vales mensais de Vilar Formoso e os de Amigo de Lisboa.

Carta que Senhora entrega à porta da igreja dos Franciscanos; a «anónima» mensal de Miranda; três mil em cheque para assinatura da filha que vive na Holanda; o mesmo de Senhora do Porto que sobrinha nossa vizinha nos entregou; cheque de Cantanhede; mil em carta a pedir oração pelos filhos; muitas ofertas escondidas levadas ao nosso Lar; trezentos de Leiria; 500\$00 pelo vendedor da Covilhã.

Mil e quinhentos de casal da Lousã agradecido pelos seus 25 anos; 85\$00 de festa de confraternização; 500\$00 do primeiro ordenado; 500\$00 pelo primeiro emprego; dois mil de uma «Maria» a recordar o marido; 500\$00 «pelos meus filhos»; duas Senhoras com sua oferta; mil «dum amigo dos gaiatos»; 500\$00 por Amiga que celebraria seu aniversário; mil pela Caritas Diocesana; visitas e ofertas de várias Escolas Primárias; cheques de Mealhada; cheque de Coimbra pela filha; mil em vale de Cebolais; cheque de Meãs do Campo.

Carta da Covilhã; ofertas para as amêndoas da Páscoa; mil, mais mil, mais cem, mais cento e cinquenta, mais duzentos de sacerdotes e seus familiares; mil de vizinho; mil de Arganil; cheque das Parreiras; cem ao vendedor na Sertã; 6 latas de concentrado de tomate da Saipol; três mil de retroactivos do Tortosendo; ofertas na Sé de Castelo Branco; as presenças no Altar pela Mãe Ana da Covilhã; cheque da Lousã; mil de aumento de ordenado; mil do Porto do primeiro ordenado «duma Jovem»; mil e duzentos de Senhora de Leiria sempre muito nossa amiga e agora doente; visitantes da Lousã; mil da venda da pedra tumular do Marido; duzentos de Amigo de Tomar agora residente em Almada.

Convívios do Pessoal da C. P. de Coimbra com 2.592\$; brinquedos de casa que os vende; cheque de Anadia; 500\$00 em carta de Alpiarça; cheque da Senhora da Caritas Americana; oferta que Senhora veio trazer a pedido de Senhora amiga; vale de Torres Novas da Mãe dum que ajudamos a criar e que ficou sempre com a gratidão e amor das boas Mães; três mil que Pai, com filhos pequeninos a seu lado, me entregou e me fez estremecer; quinhentos de sacerdote no cimo da serra; dinheiro, muitos mimos e um dia bem passado dum grupo de Vale de Lobos; vale de Amiga sempre presente e cuja presença vem do tempo de Pai Américo, presença que não tem envelhecido; mil de Amigo de Ceira.

Pão repartido. Pão saboroso. Demos graças a Deus.

João Manuel Lourenço («Ganhão»)

Padre Horácio

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

crianças subjugadas pela fome, abandonadas ou encontradas a viver em circunstâncias difíceis de descrever, eis, entre outros, factos revelados por um relatório da Sociedade de Prevenção da Crueldade Contra as Crianças.

Em Portugal só conhecemos a Sociedade Protectora dos Animais. De Prevenção contra a crueldade, contra as Crianças não sabemos que exista algo.

O n.º 2 do artigo 26.º da Constituição da República, que nos fala do direito à integridade pessoal, diz que «ninguém pode ser submetido à tortura, nem a tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanas». Tudo certo. Porém, nós continuamos a experimentar e a ver que as coisas não se passam assim em grande número de casos. Desde as tarefas desproporcionadas às forças e às idades, autênticos trabalhos forçados; passando pela brutalidade dos castigos corporais e dos abandonos ou sequestros (sobretudo dos deficientes ou diminuídos), uma gama enorme de violências se vai cometendo sem que os seus autores sejam chamados à pedra. Parecemos todos acomodados.

Outro dia apareceu-me aqui uma Assistente Social. Veio pela possível admissão de dois menores, um de 4 e outro de 11 anos, abandonados pela mãe e cujo pai havia morrido. Entregues a um casal com 5 ou 6 filhos, devidamente subsidiado pelos Serviços Sociais, contou-nos que o miúdo mais velho era frequentemente encontrado no sótão da casa, aí vivendo largos períodos do dia.

Aqui bem perto também nos foi posto há pouco o problema de duas outras crianças, órfãs de pai, vivendo numa barraca

com a mãe e o seu companheiro, sujeitos a prático desprezo e vítimas da violência física, tendo, para comer alguma coisa, de ir a casa dos vizinhos ou esgravatar uma estremeira próxima. Estes serão nossos em breve.

Outro tipo de crueldade ou de violência a que muitas vezes os pais sujeitam os filhos, sobretudo em casas de teres e haveres, é a entrega de crianças de tenra idade a pessoas pouco exemplares, que as iniciam sexualmente, com consequências imprevisíveis e trágicas. Este capítulo exigiria um tratamento especial, pois, infelizmente, já apalparamos a realidade. Os pais, às vezes, são os grandes culpados, porque não querem assumir as suas responsabilidades. Outras vezes o teor de vida obriga a entregar as crianças aos cuidados de alguém, mas há que saber escolher quem olhe devidamente por elas, no plano físico e na perspectiva moral.

Ao longo dos anos, em toda a Obra, têm os Padres surpreendido as mais variadas situa-

ções. Desde irmãos nossos nos currais ou em galinheiros, às vítimas de agressões brutais..., tudo se tem encontrado e, dentro do possível, procurado dar resposta. Que outros também assim tenham procedido não temos dúvida. Fica-nos, porém, a alma a sangrar por vermos que, numa época em que tanto se fala do social, não haja ainda serviços oficiais capazes, prontos no agir e sem burocracias anquilosantes, para dar soluções adequadas às questões surgidas.

Os turnos da praia sucedem-se. Temo-los acompanhado de perto. Infelizmente, o que era calmo e convidativo ao repouso, transformou-se numa Babel, onde a algazarra e os maus exemplos se multiplicam. Nunca como hoje se requereu dos educadores tanta atenção e os mais variados cuidados. A licenciosidade de costumes, o desafio moral e o materialismo mais atroz são lugares comuns. As férias, para muitos homens, tornam-se ocasião de maior cansaço e de corrosão

física e moral. Com o andar dos tempos não se deve supor progresso obrigatório e lógico, antes pelo contrário, em muitas coisas, à medida que o tempo avança, há um claro retrocesso. Ajudar a construir um Homem é tarefa ingente, mesmo assim, nem sempre de resultado certo; destruir, porém, é fácil e realiza-se em poucos momentos.

Falamos aos nossos Rapazes da tendência que há, chegando o tempo estival, de os cristãos mandarem Deus para férias, eles que já, ao longo do ano, Lhe oferecem, infelizmente, tantas vezes, «férias repartidas». A vida não tem hiatos, é una. Que os que podem e não querem desligar a «Corrente», saibam ser dignos do nome de cristãos, cumprindo nos lugares de veraneio ou de repouso as suas obrigações. Entretanto, que todos nos lembremos que há ainda milhares e milhares de irmãos nossos sem direito a um justo período de repouso e que, outros, apesar de o terem, não têm meios capazes para o aproveitar, recompondo as energias físicas e psíquicas desgastadas ao longo dum ano de trabalho.

P.e Luiz

Lar Operário em Lamego

As notícias de hoje são dadas à maneira de circular sobre o Jardim Infantil em Samodães. Tenho vontade de, em vez de circular, chamar carta dirigida ao Povo de Samodães, aos que ali vivem, aos seus amigos, a todos os que se interessam pela promoção dos povos ou das pessoas. De modo algum quero desta vez minimizar localidades ou modos de ser de alguém.

JARDIM INFANTIL — Quando falamos em «Jardim», vem-nos a lembrança duma casa,

ou duma sala ou dum local onde as crianças se juntam, e duma Obra que dê atenção especial à educação e formação das crianças. São portanto duas coisas que não podemos perder de vista. É preciso um local? Sem dúvida que sim. É preciso um grupo de pessoas que se debruce sobre o bem das crianças? Quem põe isto em discussão?

Estamos, pois, a cuidar da casa e da organização de apaixonados pelos mais pequeninos.

OBRAS — Há meses que se fez a escritura do terreno. Há meses que fomos à Câmara Municipal de Lamego pedir apoio técnico. Há meses que nos dirigimos aos «Companheiros construtores». Agora, com tudo a postos, já começamos a limpar o local, a juntar pedras, abrir alicerces, comprar areia, cimento, etc. Do G. A. T. recebemos o esboço para a casa. Da Alemanha chegaram 5 jovens que voluntariamente estão a trabalhar no «Jardim». Agradecemos a colaboração e sobretudo a lição de altruísmo que de todos estamos a receber. De muitos lados chegaram donativos. É preciso mais.

SIM E NÃO — Começaram as críticas. Há cegos que não podem ver. Há gente de olhos abertos que não quer ver. Há quem diga bem; há quem não concorde. Há quem finja desconhecer o que se passa à sua volta. Uns teimam em ajudar; outros barafustam e prometem não dar centavo. Este afirma que sempre houve crianças e não foi preciso «Jardim». Aquele bendiz a hora em que se pensou no assunto. E tudo isto — juntamente com as pedras, os tijolos e o cimento — vai fazer parte da Obra.

COLABORAÇÃO — Através dos leitores de O GAIATO temos «presenças» valiosas. Alguns amigos prometem; outros já mandaram; este disse que volta e aquele quer saber o custo dos trabalhos. Dez ou doze de Samodães vivem os problemas do «Jardim».

Com olhos postos nas crianças, mas a olhar também e sobretudo para o Céu, chegaremos ao fim. Poderemos parar por falta de artistas, ou de materiais, ou de dinheiro, mas não paramos para ouvir o que alguém possa dizer de bem ou de mal. Aceitamos a opinião de todos para que a obra seja melhor e os trabalhos mais perfeitos.

Esperamos pela tua ajuda, mas não daremos conta dos teus aplausos, se bem que possam ser um estímulo.

CONCLUSÃO — Para que a obra esteja no fim ainda falta muito. Para que façamos bem às crianças, já não falta nada. Desta forma, Samodães vai ter alguém que dedique o seu tempo, a sua vida, o seu coração a todos os pequeninos que necessitam de amor.

Padre Duarte

NOVOS ASSINANTES de O GAIATO

Velha enamorada de O GAIATO, em Ovar, que faz a cobrança de dezenas de assinantes da zona, não se coíbe de procurar mais e mais sem olhar a forças, à própria idade! Trabalho discreto, amoroso, desgastante, mas feito em espírito de missão, chega ao fim radiante. Temos aqui mais seis novos leitores que motivou: quatro de Ovar, dois de Avanca.

Uma leitora de Bonussuco — dos lados de Aveiro! — com idêntico entusiasmo tem caçado muitos assinantes em Verdemilho, Costa do Valado, Aveiro, etc. Segundo afirma, há «mais umas pessoas em vista, mas ainda não tive oportunidade de ir a casa delas».

Anda Fogo na rua! Lá isso anda. Continuamos a receber muitos assinantes. Além de sangue novo, eles hão-de conquistar outros para O GAIATO continuar a ser o que é: uma voz dos Sem Voz.

A procissão trouxe ainda gente de Vila Nogueira de Azeitão, Torres Vedras, Torre de Itanópolis, Ceira, Escalhão, Ermesinde, Almada, Setúbal, Bencanta, Canidelo (Gaia), Guarda, Loures, Freches, Leça do Balio, Póvoa de Varzim, Vila Nova de Famalicão, Carvalhos, Coimbra, Mogadouro, Porto e Lisboa um rol deles, Newark e Waterburg (América do Norte), Hopfenstras (Alemanha Federal) e Zaragoza (Espanha).

Júlio Mendes

CARTA DE LONDRES

É do Centro Católico Português:

«Recebemos aqui O GAIATO em 10 números que distribuímos para melhor conhecimento da Obra do Padre Américo.

Um grupo de simpatizantes da Obra pediu-me para fazerem uma festa em favor da Obra da Rua, o que autorizei e aderi com todo o gosto, pois até já há muito vinha a pensar nisso.

E assim se fez no domingo passado (24 de Junho) na zona de Londres chamada Fulham. Vieram muitos portugueses e a festa rendeu cerca de 200 libras, que a mesma Comissão vai enviar.

Se as viagens não fossem tão caras, poderíamos talvez um dia trazer cá um ou dois dos vossos Rapazes... mas os preços das viagens são sempre um certo problema.»

Uma Data: 28 de Julho de 1929

Cont. da 1.ª pág.

fonte da vida da Igreja. A maternidade da Igreja só se realiza através da paternidade sacerdotal.

Do sacerdócio de Cristo participado por Pai Américo nasceu este fenómeno temporal da Caridade que é, na Igreja, a Obra da Rua. Continuá-la é nosso dever. Mas tal depende da «íntima e profunda impregnação de espírito sacerdotal» de que nos embebermos.

Este dia é uma chamada de todos nós à responsabilidade de merecermos, por este esforço de impregnação, aqueles sacerdotes segundo o coração de Jesus, conformes ao exemplo de disponibilidade total de Pai Américo, de que a Obra precisa para continuar um sinal bastante perceptível da Aliança que Deus Se não cansa de renovar com os homens.

O Evangelho que escutámos fala de trigo e do joio. «E nós somos a seara imensa do trigo e do joio» — escreveu-o Pai

Américo. Um e outro hão-de crescer juntamente, para que se não arranque o trigo... e se não perca o joio. A Paixão de Jesus mereceu-nos a graça de podermos comer o Seu Corpo e beber o Seu Sangue e repetir dia-a-dia esta comida e esta bebida que nos fazem crescer para o Reino, pela transubstanciação do pão e do vinho, «frutos da terra, da videira e do trabalho do homem».

Ainda pelo Seu mérito e pelo nosso sacrifício unido ao Seu, é possível a transubstanciação do joio em trigo, quando um e outro são imagem de disposições antagónicas no homem. «A nossa Obra não é dos escolhidos; é dos rejeitados.» É natural que a seara comece muito em joio. E é divino que no tempo da ceifa só se encontre trigo.

Divina é a nossa meta. Deus é nosso Aliado. Com Ele, quem pode impedir-nos de chegarmos todos até Ele?

P.e Carlos



Tiragem: 39.600 exemplares